

# Processos de formação de palavras em gramáticas do século XIX e XX: Manuel Said Ali, Ernesto Carneiro Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira

Word formation processes in nineteenth and twentieth century grammars: Manuel Said Ali, Ernesto Carneiro Ribeiro and Eduardo Carlos Pereira

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8670045

Jefferson Evaristo<sup>1</sup>  
UERJ

## Resumo

Os estudos morfológicos passaram por variações conceituais ao longo de sua história, modificando por vezes de maneira substancial a sua configuração e apresentação; reflexos das épocas e das interpretações dos gramáticos, essa parcela fundamental dos estudos gramaticais e linguísticos merece destaque. Em outro contexto, a adoção de uma Nomenclatura Gramatical Brasileira passaria a, em certo sentido, padronizar as acepções variantes que os gramáticos e as épocas possuíam – ao menos em tese, é claro. Neste texto, optamos por analisar e investigar o sentido de morfologia em três gramáticas dos séculos XIX e XX – a Gramática Secundária da Língua Portuguesa, de Manuel Said Ali; os Serões Grammaticaes, de Ernesto Carneiro Ribeiro; e a Grammatica Expositiva, de Eduardo Carlos Pereira. As obras são significativas no contexto brasileiro, como se verá no texto, motivo pelo qual foram escolhidas. Nossos resultados apontam para uma compreensão e definição da morfologia substancialmente diferentes, mesmo em contextos pós-NGB.

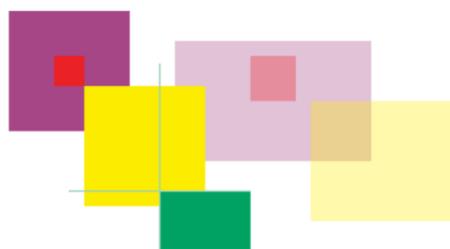
**Palavras-chave: Morfologia. Gramáticas. NGB. Formação de palavras.**

## Abstract

Morphologic studies have undergone conceptual variations throughout their history, sometimes substantially modifying their configuration and presentation; reflections of the times and also of the

---

1 Doutor em Língua Portuguesa pela UERJ (2020) e doutor em Letras Neolatinas (língua italiana) pela UFRJ (2019). Mestre em Letras Neolatinas pela UFRJ. Formado em Letras Português/Italiano e especialista em Língua Italiana - Tradução, ambos pela UERJ. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na UERJ. Desenvolve pesquisa nas seguintes áreas: Ensino de português língua materna e não materna; Políticas linguísticas; Internacionalização da língua portuguesa; Materiais de leitura e produção de textos em Língua Portuguesa; Contato Linguístico.



individual interpretations of grammarians, this fundamental part of grammatical and linguistic studies deserves to be highlighted. In another context, the adoption of a Brazilian Grammatical Nomenclature would, in a sense, standardize the variant meanings that grammarians and eras had - at least in theory, of course. In this text, we chose to analyze and investigate the meaning of morphology in three grammars from the 19th and 20th centuries - the Secondary Grammar of the Portuguese Language, by Manuel Saíd Ali; the *Serões Grammaticaes*, by Ernesto Carneiro Ribeiro and the *Grammatica Expositiva*, by Eduardo Carlos Pereira. The works are significant in the Brazilian context, as will be seen in the text, which is why they were chosen. Our results point to a substantially different understanding and definition of morphology, even in post-NGB contexts.

**Keywords: Morphology. Grammars. NGB. Word formation.**

---

## Introdução

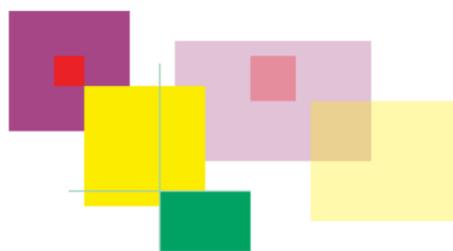
Não é uma novidade a afirmação de que a gramática – e a morfologia, como uma parte sua – sofreu mudanças ao longo do tempo, de forma a se resignificar e a se adaptar às teorias e constructos conceituais de sua época (VIARO, 2013; FERNANDES, 1998). Assim, a morfologia dos primeiros séculos não é a morfologia do período atual, tendo sido esta confirmada no século XVIII (VIARO, 2013, p. 36).

Entretanto, ao mesmo tempo, compreender e conhecer as mudanças ocorridas contribui para o próprio entendimento da questão. Não apenas como um domínio da filologia, da linguística ou da gramática histórica, conhecer as nuances de modificação da gramática é tarefa de qualquer profissional da língua, seja ele um filólogo, linguista ou professor. De certa forma, até usuários da língua podem se valer desse conhecimento. Como exemplo, podem-se observar *“as hipóteses acerca da origem de sufixos, prefixos e desinências, [que] durante o período do desenvolvimento da Gramática Histórico-comparativa, exerceram um papel importante na compreensão de certos universalismos”* (VIARO, 2013, p. 40), importantes constructos teóricos que seriam reafirmados muitas décadas depois.

Nosso texto, portanto, pretende discutir as acepções do conceito de morfologia – especificamente o processo de formação de palavras – em três diferentes gramáticas do século XIX e XX<sup>2</sup>, articulando-as com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, a NGB (BRASIL,

---

2 Manteremos, sempre, a grafia original dos textos.



1959). As escolhas aqui são feitas pelo teor de contribuição significativa que cada autor trouxe, em sua gramática, para a descrição e o ensino de língua portuguesa – ainda que, para o ponto escolhido, o da formação de palavras, a contribuição não seja o fator principal.

Dessa maneira, optamos pelas seguintes obras:

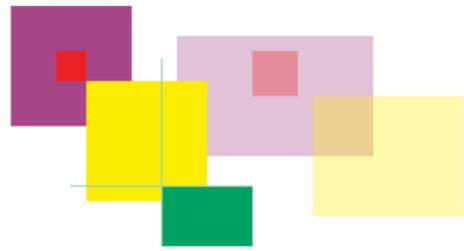
- 1) *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, de Manuel Said Ali. Said Ali foi um dos mais importantes teóricos da Língua Portuguesa/Linguística de nosso país. Filólogo de destaque, é considerado por muitos um dos maiores (se não o maior) sintaticistas de nossa língua, ocupando por muitos anos o cargo de professor do Colégio Pedro II – que, à época, representava uma das mais honradas instituições acadêmico-escolares do país;
- 2) *Serões Grammaticaes – ou Nova Grammatica Portugueza*, de Ernerto Carneiro Ribeiro. Escrita em fins do século XIX, sua gramática estava justamente no limiar das mudanças teórico-epistemológicas de seu século, sendo o seu autor, também, relevante em outras áreas, como a história e a formação do Brasil como nação (ARRUDA, 2010). Sua obra é considerada um monumento da língua portuguesa, sendo ainda hoje uma referência nos estudos gramaticais do Brasil;
- 3) *Grammatica Expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira. Escrita já nos primeiros anos do século XX, como parte de uma trilogia de gramáticas destinada a públicos diferentes, a obra de Pereira é bastante significativa, o que pode ser confirmado pelas quase 150<sup>3</sup> edições que já teve no Brasil.

Todas as obras, como destacado, possuem relevância significativa no universo dos estudos linguísticos, justificando, portanto, a sua escolha. Outro fator distintivo da importância das obras pode ser o fato de elas estarem disponíveis no projeto “Gramáticas” da biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp<sup>4</sup>.

---

3 Se consultarmos o verbete da Wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_Carlos\\_Pereira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Carlos_Pereira) - acesso em 27/09/2022 às 16h39) sobre o autor, haverá a informação de terem sido mais de 150 edições. Nossa pesquisa localizou a edição de número 139, publicada em São Paulo, em 1953, pela Companhia Editora Nacional (Cf. PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramatica Expositiva - Curso elementar*. 139ª ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1953). Molina (2001, p. 1) vai dizer que a obra teve “mais de 100 edições durante a primeira metade do século XX”, confirmando a questão. Em nossas referências, entretanto, citamos a versão original do texto, datada de 1907.

4 <http://www.iel.unicamp.br/node/993> - acesso em 02/05/2022 às 10h27min



Teoricamente, situamo-nos consoantes com as perspectivas da historiografia da linguística, conforme Batista (2019; 2013) e Vieira (2018), entendendo que aqui realizamos um “fazer historiográfico [que] implica as tarefas de descrição e interpretação” (HACKEROTT, 2013, p. 13). Trata-se de uma espécie de misto entre as tarefas de historiador e de linguista, podendo ser realizada apenas por um linguista. Ou seja,

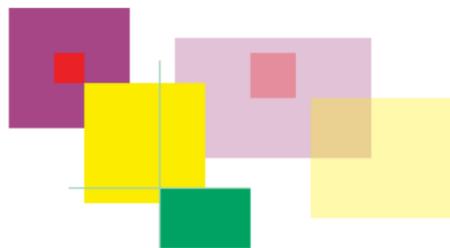
o pesquisador dessa história do conhecimento sobre a linguagem, o historiógrafo da linguística, é acima de tudo um linguista em diálogo com o ofício do historiador e tem como tarefa construir uma narrativa interpretativa sobre ideias e saberes, levando em conta seus agentes e seu contexto histórico (BATISTA, 2019, p. 10)

Por questões metodológicas, optamos por apresentar cada uma das gramáticas já indicando a sua análise em relação ao ponto que nos interessa: o entendimento do conceito de Morfologia. Assim, em todas as três gramáticas analisadas nosso interesse foi o mesmo: buscar entender qual o conceito de morfologia adotado pelo autor, como ele considera o seu estudo e quais elementos fazem parte de seu estudo. Veremos individualmente cada uma dessas gramáticas, finalizando com algumas considerações acerca de nosso estudo.

## **Gramática Secundária da Língua Portuguêsa, de Manuel Said**

Manuel Said Ali é um dos maiores nomes da filologia brasileira, possuindo obras significativas para todo o universo maior dos estudos linguísticos. Sua *Gramática Secundária*, portanto, justifica a sua escolha por si mesma. “Os estudos de Said Ali podem ser considerados um marco em nossa tradição gramatical. [E,] No que se refere ao âmbito específico da morfologia, foi ele quem trouxe as mais alentadas contribuições” (ALMEIDA, 1996, p. 40).

Inicialmente, chama a atenção o fato de que não exista uma seção para “morfologia”, mas apenas para “Formação de palavras”. Embora a gramática de Said Ali seja mais recente e o termo “morfologia”, à época, já fosse o termo recorrente, a opção do autor esclarece bastante sobre a sua própria visão acerca do que seja a “morfologia”: um estudo sobre a formação das palavras. Para o autor, a gramática possui apenas três subdivisões: a Fonética ou Fonologia, a Lexeologia e a Sintaxe (ALI, 1964, p. 15). Diz ainda haver outro estudo que deriva da Fonética, ao qual convencionou-se chamar “ortografia”. Há, ainda assim, uma nota



explicativa em seu texto informando da opção da NGB em adotar o nome morfologia em detrimento de lexeologia – uma nota que, diga-se, não foi escrita por ele, considerando-se a data de sua morte (1953) e a data de criação da NGB (1959).

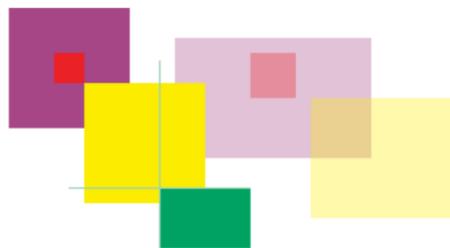
Ainda assim, escreve uma seção chamada “Lexeologia”, que o autor define anteriormente como uma disciplina que “não examina os vocábulos um por um, como o faz o dicionário. Divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias e registra os fatos comuns e constantes e os fatos variáveis e excepcionais” (ALI, 1964, p. 15). A esse respeito, Bechara afirma que

no tocante a termos, Said Ali, por exemplo, preferiu lexeologia a morfologia, denominação esta hoje mais em voga, não só fixada pela tradição gramatical, mas ainda pela extensão com que a moderna lingüística conceitua e trata o morfema. Os argumentos apresentados por Said Ali, em defesa de lexeologia, são válidos apenas para o seu tempo, onde morfologia podia referir-se estritamente aos elementos formadores do vocábulo (BECHARA, 1962, p. 28)

Para Ali, portanto, a morfologia seria um ramo de estudos mais restrito, limitado, motivo pelo qual o autor prefere a adoção do termo lexeologia. Naturalmente, a linguística atual não comporta a crítica de Ali, realizada na primeira metade do século passado.

Não há, na sequência, nenhuma outra explicação acerca do que seria lexeologia/morfologia. Na seção específica sobre lexeologia, apenas são indicadas as dez classes de palavras habituais, havendo ainda um longo estudo sobre cada uma delas. A título de exemplo, para o substantivo são apresentadas as noções de classe, gênero, tipo, número, diminutivo e aumentativo, dentre outras, num estudo de aproximadamente vinte páginas. Não podemos esquecer que a gramática analisada de Said Ali é posterior à NGB e contou com a revisão do gramático Evanildo Bechara. Embora tenha optado por modificar o nome morfologia, não houve modificação acerca da maneira como entende, singularmente, cada uma das habituais classes de palavras. Em sua gramática Histórica, há uma explicação um pouco mais detalhada a respeito da escolha (BECHARA, 1962, p. 28).

No capítulo, ainda, Said Ali trata da “Formação de palavras”. Mais uma vez, o autor não traz nenhuma explicação prévia sobre o que considera como “formação de palavras” – informação essencial para justificar a escolha do termo lexeologia para sua obra. No capítulo, opta por iniciar já com a derivação sufixal como um dos processos de formação de palavras.



Para Said Ali, “derivação é o processo pelo qual de umas palavras se formam outras, ajuntando-lhes certos elementos formativos que alteram a acepção primitiva, ou lhe acrescentam sentido novo” (ALI, 1964, p. 107). Considera que “os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras” (idem). Vejamos a seguir cada uma das derivações propostas por Ali.

### **a) Derivação sufixal**

Afirma que os sufixos são divididos em duas classes: i) 1º classe: formadores de nomes aumentativos e diminutivos; ii) 2º classe: formadores de novos vocábulos, com sentido ou conceito diverso do original.

Na sequência, o autor procede ao levantamento de um elenco de sufixos de 1º e 2º classe que são encontrados na língua Portuguesa. Dedicar sete páginas a isso, numa demonstração da importância do entendimento da questão. Demonstra ainda, como, na prática, os sufixos formam as palavras da nossa língua

### **b) Derivação prefixal**

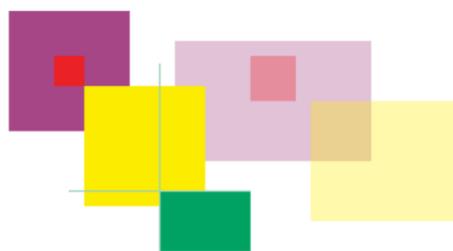
Em apenas duas páginas, apresenta uma lista de prefixos mais comuns, sem uma explicação anterior ou posterior. Há apenas a lista, com a significação padrão de cada prefixo.

### **c) Derivação parassintética**

Afirma que “consiste a formação parassintética em criar vocábulos com o auxílio simultâneo de sufixo e prefixo. Serve em português este processo principalmente para a formação de verbos” (ALI, 1964, p. 117). Não detalha ou aprofunda a questão, indicando apenas uma pequena lista de verbos que foram formados a partir de tal processo.

### **d) Derivação regressiva**

Pontua que “consiste a derivação regressiva em criar vocábulos, não acrescentando, mas subtraindo algum sufixo” (ALI, 1964, p. 117). É o processo que forma o que o autor chama de postverbais, deverbais ou substantivos verbais – embora o autor expresse que a última forma não será adotada por ele.



De maneira a chamar a atenção, em Ali, não existem duas outras formas de derivações que são “comuns” em gramáticas atuais: a derivação prefixal e sufixal e a derivação imprópria. O autor não as analisa e nem sequer as menciona, sendo um ponto não abordado em seu texto. De qualquer forma, essa opção de escolha do autor, não traz impactos em relação à uma análise tendo em vista a NGB, uma vez que esse documento não estipula quais seriam as derivações existentes; ele apenas cita que é possível formar palavras por derivação, composição e hibridismo (NASCENTES, 1959, p. 2).

Após abordar os processos de derivação, o autor expõe sua posição a respeito da composição. “Chama-se palavra composta a combinação de dous ou mais vocábulos com a qual se designa algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos termos componentes” (ALI, 1964, p. 118). Portanto, a diferença entre derivação e composição está no fato de que a primeira lida com um vocábulo efetivo<sup>5</sup> que se liga a elementos de menor força (os prefixos e sufixos), enquanto a segunda lida com dois ou mais vocábulos efetivos.

Seguindo, o autor trata de expor as possíveis combinações de palavras para que haja a composição, diferenciando ainda os casos de justaposição dos de composição. Para Ali, o primeiro é quando temos a simples “soldadura” de palavras, enquanto no segundo há supressão ou elipse de fonemas.

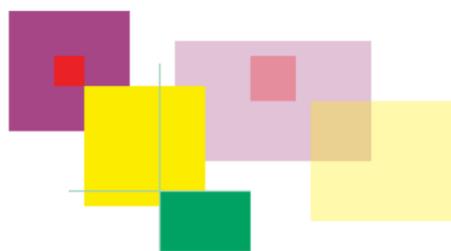
Por fim, para o processo de hibridismo, não há uma descrição condizente com as outras opções que o autor tratou. Apenas há uma menção, em três linhas, para dizer que é a “criação de vocábulos com elementos de idiomas diferentes” (ALI, 1964, p. 124).

## **Serões grammaticaes – ou Nova Grammatica Portugueza, de Ernerto Carneiro Ribeiro**

A obra de Ribeiro foi escrita a partir de uma perspectiva “historicista”, que dominava o ensino de língua portuguesa no Brasil. “No século XIX, o ensino de língua materna relacionava-se a uma tradição de teoria e análise com raízes na filosofia grega, em que a linguagem era considerada expressão do pensamento” (CLARE, 2003, p. 9). É, ainda, uma

---

5 Optamos pelo termo “efetivo” para diferenciar o vocábulo tomado enquanto “palavra/lexema” dos “vocábulos de existência independente” – os prefixos – defendidos por Said Ali.



das primeira gramáticas da língua portuguesa escrita por um brasileiro, já no fim do século XIX. Vieira (2018, p. 160-165) vai fazer uma extensa descrição desta obra e autor, mostrando sua importância basilar no desenvolvimento dos estudos gramaticais brasileiros.

Era uma obra com base fortemente marcada pela filosofia (LEAL, 2015), o que faz com que a sua obra destaque-se em relação às outras duas, sendo, portanto, uma gramática bastante significativa e relevante no âmbito dos estudos gramaticais. O autor chega a afirmar que a gramática é

philosophica, conforme se limita á exposição dos factos de uma lingua particular, ao estudo das regras e instituições mais ou menos arbitrárias, sem se elevar aos principios geraes de que se deduzem; ou, ao revez disso, estuda essas instituições arrojando-as, ligando-as aos principios geraes, que são os seus fundamentos, principios de uma verdade imutavel, communs a todas as linguas, sempre harmonicos e identicos como leis constitutivas da humanidade, que é sempre uma, identica, igual a si mesma (RIBEIRO, 1950, p. 19).

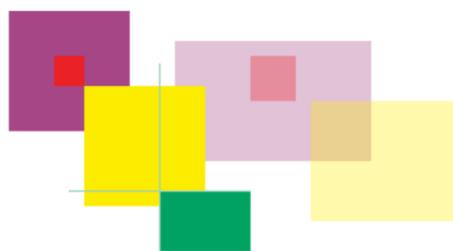
Uma visão, como afirmamos, fortemente marcada pela filosofia<sup>6</sup>.

No que diz respeito ao nosso recorte de observação de corpus, a morfologia, não há uma abordagem “tradicional” para seus processos, como a de formação de palavras ou as partes de um vocábulo. Há apenas uma contextualização de uma “Lexicologia”, discutindo questões históricas, filológicas e dialetais. Substancialmente, o autor emprega quase dez vezes mais páginas para abordar o que chama de Lexicologia. Na mesma seção são incluídas questões de história interna da língua, como consonantismo, bem como questões de história geral da língua, como o indo-europeu, o latim e o galego e as relações que os diferentes idiomas possuem com a Língua Portuguesa.

Os *Serões*, portanto, possuem uma importância histórica e teórica fundamental para os estudos gramaticais, sem que, com isso, abordem a morfologia da língua portuguesa – ao menos não da maneira tradicional como a concebemos. Tal concepção está ancorada, ainda, num processo de transformação dos estudos linguísticos, como expresso por Basílio (2001; 2004).

---

6 De certa forma, os princípios expostos por Ribeiro serão retomados por autores como Chomsky.



## ***Grammatica Expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira**

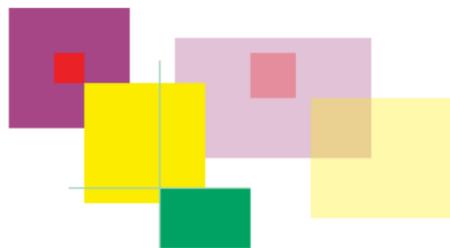
Inicialmente escrita para ser usada no ensino superior e posteriormente sendo adotada no ensino secundário – atual ensino médio –, a *Grammatica Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira possui sua importância devido ao fato de ter sido sistematicamente utilizada no Colégio Pedro II (CPII) que, à época, era possivelmente o colégio mais renomado do país. Some-se a isso o fato de a gramática ter sido a primeira a ser elaborada segundo os princípios do programa educacional vigente à época, motivo que justifica ainda a sua adoção por quase cinquenta anos no CPII. A contribuição do autor para o cenário educacional brasileiro, portanto, é indiscutível (GUTIERRES e TOLEDO, 2010).

Em relação ao processo de formação de palavras, para o autor, há apenas duas derivações, chamadas de próprias e impróprias. A derivação, portanto, seria o “*processo pelo qual de umas palavras se formam outras chamadas derivadas. Em relação a estas chamam-se aquelas primitivas*” (PEREIRA, 1907, p. 157)

### **a) Derivação própria**

“*Faz-se por meio de suffixos, que aglutinados ao thema das palavras primitivas, lhes modificam a significação, determinando-a*” (PEREIRA, 1907, p. 157). Para o autor, ao contrário de Ali, os sufixos tem significação própria, o que é discutível na análise moderna – afinal, a significação é própria ao sufixo ou ela é assumida na relação “radical + sufixo”? O debate é longo.

Divide ainda os sufixos em nominais e verbais, traçando uma longa lista de sufixos, dividindo-os por sentido (aumento, diminuição e formação de profissão, dentre outros). Para os sufixos verbais, o autor estabelece quatro tipos: frequentativos (bocejar, murmurar), causativos (amamentar), inchoativos (enriquecer/enricar, adoecer/adoentar), diminutivos (adocicar, mordiscar). Cita, ainda, o sufixo adverbial “mente”, que vem do substantivo “maneira”. Por fim, afirma que é nos sufixos que “*se revela o genio da lingua, a sua flexibilidade e riqueza*” (PEREIRA, 1907, p. 167).



## b) Derivação imprópria

“Chama-se derivação imprópria a mudança que sofre uma palavra no sentido ou na categoria grammatical sem a intervenção de suffixos” (PEREIRA, 1907, p. 168). Cita, por exemplo, a formação de justo (de justiça) e combate (de combater). Está, portanto, associado àquilo que entendemos atualmente como derivação regressiva ou imprópria, a depender do termo e do contexto.

Como observamos, a estruturação dos processos de derivação em Pereira é substancialmente diferente da acepção moderna do fenômeno – como, por exemplo, a utilizada por Said Ali. Ao mesmo tempo, como Ali, o autor opta por oferecer uma visão “didática” do conceito, diferentemente da escolha de Ribeiro.

Segue afirmando que a composição “*é o processo pelo qual se formam palavras novas pela união de dous ou mais elementos*” (PEREIRA, 1907, p. 169). O curioso aqui é que, para o autor, há três formas de composição: “*prefixação, juxtaposição e aglutinação*” (PEREIRA, 1907, p. 169).

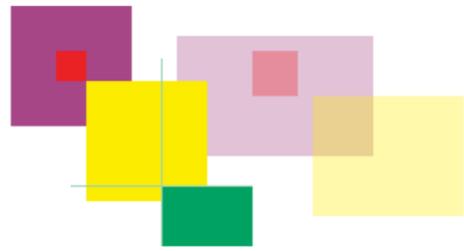
Ou seja, segundo Pereira, a prefixação não é um tipo de derivação, mas uma composição. Para o autor, não há uma distinção maior entre sufixos e prefixos do que a de dizer que os primeiros são “sufixos” e os segundos são “elementos”. Não há aprofundamento para justificar a posição adotada.

Não há, ainda, nenhuma menção ao hibridismo ou a palavras estrangeiras.

## Considerações finais

A análise dos três autores de nosso texto demonstra como, teoricamente, os estudos morfológicos relacionados à formação de palavras sofreram significativas mudanças, seja em período anterior ou posterior à NGB. De fato, não havia o menor consenso entre as definições – quando elas existiam –, as divisões de nomenclatura e as ocorrências dos fenômenos linguístico-gramaticais.

Paralelamente, havia ainda uma profunda preocupação com a morfologia histórica, que foi abandonada pela NGB. A gramática de Ernesto Carneiro Ribeiro, por exemplo, segue apenas por tal caminho, deixando de lado estudos que não sejam históricos ou filológicos:



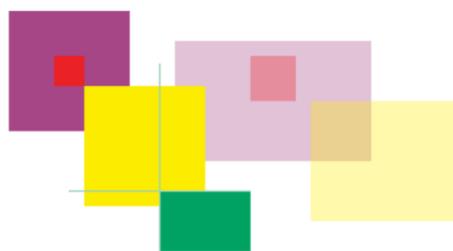
“sua obra reflete o desenvolvimento dos estudos em gramática comparada” (VIEIRA, 2018, p. 162). Por isso, empreendemos uma tarefa historiográfica de interpretação, uma vez que

as reflexões elaboradas historiograficamente podem colocar em destaque uma complexa dimensão que se forma quando modos de tratamento da linguagem são considerados como objeto de análise, permitindo uma interpretação do desenvolvimento histórico da construção de saberes por meio de uma perspectiva que estabelece o conhecimento científico, intelectual, e filosófico em articulação com um contexto social e institucional (BATISTA, 2019, p.10)

Por fim, mais do que unificar os estudos gramaticais, a NGB possibilitou que os mesmos estudos pudessem ser, em prática, realizados. Dada a condição heterogênea dos estudos, objetivos e classificações, estudar “gramática” – aqui observada por um tópico apenas, o da morfologia – poderia ser uma tarefa quase impossível, considerados os usos particulares de cada autor. De Ernesto Carneiro Ribeiro a Eduardo Carlos Pereira, temos gramáticas completamente diferenciadas no escopo, no tratamento e na exposição dos dados, restando para Said Ali a transição entre os estudos anteriores à NGB para o período pós-NGB – tarefa amparada pela “atualização” que Evanildo Bechara realizou na gramática de Said Ali.

## Referências Bibliográficas

- ALI, M. Said. Grammatica secundaria da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1964
- ALMEIDA, Nukácia M. A. de. A contribuição de Said Ali para o estudo da composição. Revista de Letras, vol. 18, nº 2 – jul-dez, 1996.
- ARRUDA, Mariléa Giacomini. A polêmica gramatical entre Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro sobre a redação do Projeto do Código Civil. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BASILIO, Margarida. Classes de palavras e categorias lexicais. In: BASILIO, Margarida. Formação e classes de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004 (p. 21-26)
- BASILIO, Margarida. A Palavra e sua estrutura. In: BASILIO, Margarida. Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 2001 (p. 11-14)
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística. São Paulo: Cortez, 2019.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Introdução à historiografia da linguística. São Paulo: Cortez, 2013.



BECHARA, Evanildo C. M. Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf> - acesso em 05/05/20212 às 22h20min.

BRASIL. MEC. Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. Ensino de Língua Portuguesa: uma perspectiva histórica. Revista Idioma/UERJ, Ano XXII, número 23.

FERNADES, Eulalia. Classes de palavras: um passeio pela História (a.D e d.D) e uma proposta de análise morfo-funcional. In: VALENTE, André (org). Língua, Linguística e Literatura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998

GUTIERRES, Edison Aparecido; TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de. Vida e contribuição educacional de Eduardo Carlos Pereira. Anais do Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2010/017.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/017.pdf) - acesso em 05/02/2021 às 10h49min.

HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. Prefácio. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Introdução à historiografia da linguística. São Paulo: Cortez, 2013

LEAL, Ednei de Souza. Pressupostos epistemológicos na “phraseologia” dos serões gramaticais de ernesto carneiro ribeiro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2015.

MOLINA, Márcia Antonia Guedes. Uma gramática, seu autor e o contexto de produção de sua obra. Cadernos do CNLF, Série V, número 4, 2001

NASCENTES, Antenor et ali. Nomenclatura Gramatical Brasileira. Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Grammatica expositiva. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.

RIBEIRO, Ernerto Carneiro. Serões grammaticaes – ou Nova Grammatica Portugueza. Bahia: Editora Livraria Progresso, 1950

VIARO, Mário Eduardo. A morfologia histórica e os estudos etimológicos da língua portuguesa. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Número especial 2013.

VIEIRA, Francisco Eduardo. A gramática tradicional: história crítica. São Paulo: Parábola, 2018.